

Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

A PRECARIEDADE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA CONSTRUÇÃO DA TEORIA DO CONHECIMENTO

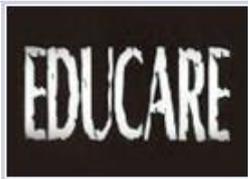
LA PRECARIEDAD DEL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA TEORÍA DEL CONOCIMIENTO

Resumo: A Ciência Moderna, como a conhecemos hoje, passou por diversos processos de consolidação, avanços e retrocessos. A necessidade de conhecer levou o homem a buscar formas de apreender a realidade e sua existência, a aprender a conhecer. Nesse processo de conhecer, o homem percebeu que há várias formas de conhecimento e, na busca pelo método ideal, passou a discutir a produção do conhecimento através do método científico. Neste trabalho, colocamos em tela breves reflexões acerca da precariedade do conhecimento científico na ciência moderna, recorrendo acerca do Iluminismo, Razão e Método na Modernidade; Empirismo e Positivismo; Fenomenologia e Hermenêutica; e Materialismo Histórico-Dialético. Concluimos, assim, que a discussão acerca da precariedade do conhecimento científico evidencia as limitações da própria ciência, porém, a evolução da ciência se deu em razão dessa precariedade, pois, sua presença trouxe para a ciência diversas possibilidades de realização, promovendo o surgimento e fortalecimento de epistemologias, metodologias e teorias.

Palavras-chave: Precariedade. Conhecimento científico. Teoria do conhecimento.

Resumen: La Ciencia Moderna, como la conocemos hoy, ha pasado por diversos procesos de consolidación, avances y retrocesos. La necesidad de conocer llevó al hombre a buscar formas de aprehender la realidad y su existencia, a aprender a conocer. En ese proceso de conocer, el hombre percibió que hay varias formas de conocimiento y, en la búsqueda del método ideal, pasó a discutir la producción del conocimiento a través del método científico. En este trabajo, ponemos en tela breves reflexiones acerca de la precariedad del conocimiento científico en la ciencia moderna, discutiendo acerca de la Ilustración, Razón y Método en la Modernidad; Empirismo y Positivismo; Fenomenología y Hermenéutica; Y materialismo histórico-dialéctico. Concluimos, así, que la discusión acerca de la precariedad del conocimiento científico evidencia las limitaciones de la propia ciencia, pero la evolución de la ciencia se dio en razón de esa precariedad, pues su presencia trajo a la ciencia diversas posibilidades de realización, promoviendo el surgimiento y, El fortalecimiento de epistemologías, metodologías y teorías.

Palabras clave: Precariedad. Conocimiento científico. Teoría del conocimiento.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

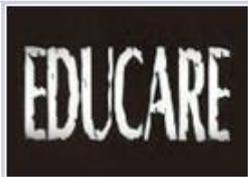
Introdução

Ao iniciarmos esta escrita, nos veio a preocupação de fazer deste processo um esforço teórico de reflexão acerca das ciências, mais especificamente, uma reflexão acerca da precariedade do conhecimento científico. Sendo o conhecimento indissociável do sujeito, tal conhecimento se revela ao longo de toda a história da humanidade, desde suas formas mais primitivas de elaboração até as formas mais complexas, pois, para Morin (1999, p. 248):

[...] o conhecimento humano associa reflexivamente atividade computante e atividade cogitante (pensante); e produz correlativamente representações, discursos, ideias, mitos, teorias; dispõe do pensamento, atividade dialógica da concepção, e da concepção, atividade reflexiva do espírito sobre si mesmo e sobre as suas atividades; o pensamento e a consciência utilizam necessariamente os dispositivos linguístico-lógicos, ao mesmo tempo cerebrais, espirituais e culturais.

A reflexão de Morin nos leva a afirmar que há outras formas de conhecimento (como o filosófico e o teológico), no entanto, nos interessa aqui registrar a precariedade que existe na ciência, mais especificamente, no conhecimento científico, pois, no momento, não é objeto de nossa reflexão as outras formas de conhecer e saber. Nessa mesma perspectiva, Burke (2003), em seu livro, “A História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot”, afirma que há várias formas de conhecimento.

Afirmamos que o reconhecimento de outras formas de conhecimentos nos permite não imprimir juízo de valor, e nem refletir a partir dos conhecimentos elaborados, tendo estes como base o senso comum. Vale ressaltar que o senso comum também não é objeto desta reflexão devido ao fato de ele estar submetido ao crivo da experiência e da vivência, pois tanto a primeira quanto a segunda, dependendo de como os indivíduos elaborarão o saber, conferirão legitimidade e racionalidade a este modo de produzir conhecimento.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

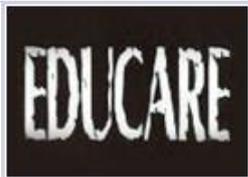
A discussão acerca da precariedade do conhecimento, neste trabalho, estará pautada em uma forma ou modo de existência do conhecimento – o conhecimento elaborado. Esse conhecimento elaborado (doravante tratado neste trabalho como conhecimento científico) não terá o crivo da filosofia ou da teologia. Ele terá o crivo da razão, da lógica e da argumentação daqueles que o elaboram e conferem, assim, a racionalidade necessária à construção da ciência, a qual conhecemos hoje.

Tendo delimitado nossa opção pelo conhecimento científico, afirmamos agora que tal conhecimento se firmou, e se afirmou, a partir de vários paradigmas e, até hoje, nas palavras de Santos (1989, p. 11), “vivemos uma fase de transição paradigmática”. Nessa perspectiva, os paradigmas vêm se transformando ao longo da história das ciências. E essas transformações são pautadas em uma precariedade constante desses mesmos paradigmas, pois, qualquer que seja a opção epistemológica que se apresente, ela terá em seu cerne a marca de sua precariedade em fornecer o método “ideal” à construção do conhecimento científico.

Iluminismo, razão e método na modernidade

Como já afirmamos, o senso comum está submetido ao crivo da experiência e da vivência. É a partir desse rompimento com o crivo da experiência que se funda o Iluminismo, pois, ele coloca a razão como centro de todas as dimensões do ser humano, ou melhor, busca explicar todas as experiências humanas através da razão como crítica.

Os iluministas buscaram não só a razão, mas a razão enquanto compromisso de melhorar a vida dos homens, seja em seus aspectos individuais e/ou sociais. Nessa perspectiva, temos como exemplo o pensamento de Descartes, o qual trouxe para o sujeito uma posição racional frente à produção do conhecimento, pois, tal produção não pode ser alicerçada no “ouvir dizer”.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

O posicionamento lógico-argumentativo contido na filosofia encontra sua precariedade no pensamento iluminista, pois os iluministas ofereceram ao sujeito uma posição racional frente às questões até então postas. Faz com que a razão se torne o elemento primeiro da produção do conhecimento. Surge assim, a necessidade de dialogar e de olhar o objeto de estudo sob o prisma da crítica e da racionalidade.

Temos em Descartes (1978) um bom exemplo da diferença entre a reflexão racional e uma reflexão lógica argumentativa (própria da filosofia), na qual a razão é tudo o que orienta suas ações, a exemplo do seu Método. Percebemos, no Método de Descartes, que ele observa e dialoga acerca das coisas e, assim, tece uma crítica ao saber produzido a partir do crivo da experiência. Destarte, só é possível conhecer a realidade com o uso da razão, sem a intervenção e/ou mediação do senso comum, do empírico.

A razão aqui é tudo o que norteia e orienta as ações do sujeito na produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao saber produzido, dialogando, olhando, observando.

Um bom exemplo do uso da reflexão racional em detrimento da argumentação se dá na obra de Descartes intitulada “O Método”, o qual atribui como um dos critérios de seu método, a observação.

Descartes também deixa claro para nós que a precariedade está na experiência, pois, ele elabora uma crítica à capacidade humana de aprender por via das sensações, quando afirma: “nem a imaginação e nem a sensação, mas a razão.

Vale ressaltar que, para Descartes (1978), a existência das coisas só é apreendida quando o sujeito toma consciência delas, fazendo com que a experiência seja um desdobramento da tomada de consciência do sujeito no mundo, ou seja, do sujeito enquanto ser pensante. É nessa tomada de consciência que o sujeito passa a ter centralidade na produção do conhecimento, tornando-se, assim, um sujeito racional: “penso, logo existo”.

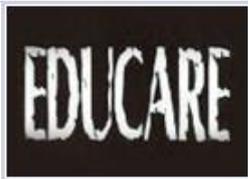


Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

A precariedade aqui descrita ganha outra visibilidade na obra de Descartes, na quarta parte, quando, ao descrever que, para o método ter sucesso, o pesquisador deverá duvidar de tudo o que encontra, pois, os sentidos e a imaginação enganam. Somente uma rejeição total daquilo que pode trazer dúvida poderá construir o conhecimento em bases sólidas. No entanto, percebemos que Descartes ainda encontra dificuldades em se libertar da contradição posta em sua obra: “Deus sabe. Deus é perfeito”. Desta forma, ele aciona o discurso e a lógica para justificar a existência de Deus e, assim, se distancia da razão, deslocando sua obra para o campo da ideologia e do discurso em detrimento à argumentação. O uso da razão, nessa perspectiva, é abandonado e volta a dar lugar à precariedade dos dogmas, metafísica, superstições e outros.

Voltando à questão da centralidade do sujeito, este também ganhou visibilidade com a obra de Kant (2013), o qual nos fez perceber que a produção do conhecimento agora operava uma ruptura com a forma de se pensar a posição do sujeito frente ao conhecimento e à valorização do ser humano. Rompe-se, também, com o teocentrismo como paradigma de explicação do mundo. Portanto, quando o sujeito produz ideias e estas, como consequência dessa produção, são eivadas do uso da crítica e da razão, produz-se a forma “ideal” de conceber o conhecimento. A esta forma ideal, deu-se o nome de Idealismo.

Em Kant (2013), o sujeito vai construindo a verdade a partir daquilo que aparece objetivado a ele, de forma e real, e independe das verdades religiosas e inatas. O sujeito constrói todas as possibilidades de conhecimento reconhecendo que tal fato só será possível com a ruptura com a experiência, buscando uma relação direta entre razão e natureza.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

Breve reflexão acerca do empirismo e positivismo

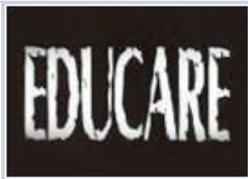
O empirismo afirma que a experiência é o único meio de se conhecer a verdade. Afirma, ainda, que tal verdade só é possível através dos processos de observação e experimentação, pois, só assim, a ciência alcançaria o desenvolvimento necessário à realização de grandes feitos e contribuições à ciência. Nessa perspectiva, o empirismo coloca em tela a precariedade do conhecimento produzido no racionalismo filosófico, o qual “defende a tese da necessidade da razão como *concatenação das verdades*, e não como faculdade, no sentido de que ela não pode ser diferente do que é e, portanto, não pode sofrer desmentidos e não exige confirmações” (ABBAGNANO, 2014, p. 378, *itálicos do autor*).

Para o empirismo, essa concatenação de verdades não permite o avanço da ciência, pois tudo deve ser posto à prova. Deveria realizar o maior número de experiências possíveis, com os devidos cuidado e minúcia. Feito isto, experiências deveriam ser sistematizadas e, com isso, serem extraídos novos conhecimentos.

A natureza, no empirismo, torna-se fonte inesgotável de investigação, pois, ao extrair novos conhecimentos, ele também propunha novas experimentações para comprovar a natureza das formas e dos fenômenos naturais.

Observação e experiência são peças fundamentais para o Positivismo e, para isso, deve-se utilizar os métodos das ciências naturais para alcançar o progresso do conhecimento para além dos limites da natureza.

Bacon (1988), em sua obra, nos mostra que é necessário conferir ao sujeito a incumbência de coordenar e supervisionar suas pesquisas, de forma que imprima uma nova relação entre experiência e razão. Nessa perspectiva, a precariedade atribuída ao racionalismo instaura-se na produção de um conhecimento elaborado palpável, sem a interferência das emoções. Bacon considera que os valores humanos também revelam a



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

produção de um conhecimento que considera o sujeito como elemento central na observação, pesquisa e teoria de seu objeto de estudo.

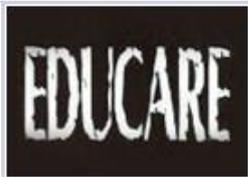
Já para Popper (1975), a precariedade se dá, também, com a ausência da formulação de hipóteses para o processo de construção do conhecimento, sendo esta formulação de hipóteses, conforme considera o autor, a chave da evolução humana. A construção de hipóteses construiria um sem número de possibilidades de ampliação e avanço da ciência, em um constante progresso científico.

A partir de agora a ciência, como a conhecemos hoje, começa a ganhar contornos antes desconsiderados na produção do conhecimento. Ela começa um processo de ruptura que passa a considerar o sujeito enquanto ser de relações e dentro de uma sociedade que também produz conhecimento. A partir de agora a ciência social passa a ser objeto de estudo e de produção de conhecimento.

Para esse novo capítulo na história da ciência, temos a contribuição de Durkheim (1999), o qual afirmou os estudos sobre a sociedade enquanto ciência, pois vimos que todo o conhecimento humano produzido até aquele momento estava ancorado nos estudos da natureza.

A observação e a aferição empírica passíveis de serem apreendidas pelos sentidos, bem como a formulação de leis gerais que regem os fenômenos são bases do positivismo. Nessa perspectiva, o conhecimento seria alcançado a partir da observação dos fenômenos físicos que pudessem ser sentidos e experienciados.

Augusto Conte, percebendo a dificuldade de dar visibilidade aos estudos da sociedade, dada a importância e força das ciências da natureza, passou a chamar tais estudos de Física Social, numa clara estratégia de conferir e/ou garantir visibilidade às ciências sociais, atribuindo a elas um conceito das ciências da natureza, visando validá-la, portanto, cientificamente. Essa ruptura inaugura uma nova forma de organizar o saber, de modo que este agora se elabora e se teoriza a partir das relações e interações sociais.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

A precariedade do conhecimento a partir de agora se dará, também, para além das relações do objeto com os fenômenos da natureza. A precariedade vai passar a existir, também, a partir da relação do objeto com as diversas possibilidades de relação e interação do homem enquanto ser social, reclamando uma nova abordagem, forma de tratamento e metodologias que se diferenciem das abordagens feitas a partir dos fenômenos da natureza.

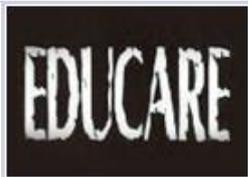
A abordagem fenomenológica e hermenêutica: reflexões

Com o surgimento de uma forma de conceber o conhecimento não mais a partir das ciências naturais, vemos nascer um novo paradigma que considera o ser humano como sujeito de relações sociais e, nessa perspectiva, como produtor de conhecimentos pautados nos fenômenos sociais, bem como de novas abordagens que considerem tal perspectiva, servindo de apoio, direta ou indiretamente, à consolidação das ciências sociais. Surgem, assim, a fenomenologia e a hermenêutica.

A Fenomenologia, na concepção de Merleau-Ponty (2006), evidencia a importância do corpo na construção do conhecimento, o corpo em seu todo, unindo experiência e existência do Ser humano enquanto sujeito epistêmico e sua relação com o objeto do fenômeno que se deseja conhecer.

A relação do sujeito com as coisas do mundo mediadas pela experiência e pela percepção é o instrumento de produção de conhecimento na fenomenologia, pois, os fenômenos do Ser podem se apresentar para nós como em suas essências. Sendo assim, a obra de Merleau-Ponty evidencia a precariedade do conhecimento produzida no Positivismo, pois, ao assumir a sensação em detrimento da percepção, o positivismo desconsidera a relação do corpo e da linguagem com o objeto do fenômeno.

Em “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (2006) expõe a importância de se produzir conhecimento a partir das percepções que se revelam nos fenômenos do



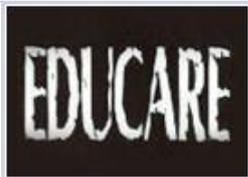
Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

corpo e da linguagem, pois tais dimensões trazem à tona os modos como o sujeito se relaciona com o mundo. Esta percepção, de corpo e linguagem, revela as imagens que o sujeito constrói de si e dos outros, qual sua relação com tempo e o espaço, e quais os sentidos e significados ele atribui a esse Estar no mundo.

Sendo assim, a percepção passa a ser mais importante que a sensação, pois Merleau-Ponty afirma que só é possível saber e conhecer através da percepção, da experiência e do estar no mundo; é justamente esse movimento que permite conhecer, compreender e atestar o conhecimento produzido.

Na hermenêutica, o processo de construção do conhecimento debruça-se sobre a linguagem, exclusivamente. A compreensão do sujeito sobre si e sobre os outros permanece, sua relação com o tempo e o espaço permanece, e seu Estar no mundo também. A linguagem, objeto da hermenêutica, é exclusivamente aquela cujo suporte é o texto. Neste sentido, a compreensão que a hermenêutica busca se dá de forma objetiva, diferenciando-se, assim, da compreensão postulada na fenomenologia. Sendo assim, não achamos prudente, neste trabalho, afirmar que há uma precariedade, pois, o que existe, a partir da obra de Gadamer, é uma escolha metodológica que requer, em sua essência, tal objetividade.

Gadamer (2012) assume que a linguagem (o texto) não permite a possibilidade de o sujeito compreender determinada coisa pelo viés da subjetividade, pois o sentido a ser construído é delimitado tão somente por aquilo que o próprio texto permite construir. Vale ressaltar que, na abordagem hermenêutica, o sentido do texto também depende da experiência do sujeito que o lê. Significa dizer que a hermenêutica se preocupa com os possíveis sentidos que o sujeito poderá atribuir ao texto, porém, não se preocupa com as intenções do sujeito que produziu o texto, ou seja, a hermenêutica não se preocupa com a autoria do texto. Sendo assim, a compreensão se dará a partir da experiência do sujeito que lê o texto, de forma objetiva. O texto pelo texto. Sem interesse pela intencionalidade do sujeito que escreve o texto.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

Materialismo histórico-dialético: algumas questões

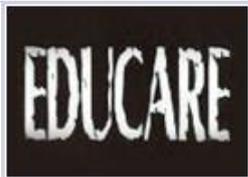
Como vimos, as ciências sociais passaram a dar visibilidade ao sujeito enquanto Ser de relações sociais. Vimos que a subjetividade ganha visibilidade e passa-se a considerar a sensação e percepção. No entanto, tanto a fenomenologia quanto a hermenêutica não consideram a historicidade do Ser. É a partir dessa reflexão que apontamos a precariedade desses dois paradigmas em relação ao Materialismo Histórico-Dialético.

Marx (1977) afirma que a compreensão de todos os condicionantes históricos de existência do Ser ajuda-nos a pensar no sujeito enquanto ser de relações concretas e materiais, pois, a partir da compreensão dessa historicidade, passaremos a compreender todas as contradições produzidas pela existência humana.

A subjetividade e a percepção perdem lugar no pensamento de Marx, o qual nos mostra que a realidade concreta só é possível de ser apreendida pelo sujeito a partir do real em suas múltiplas determinações, que revelam o modo de produção social de sua existência. Ainda em Marx, o objetivo dessa apreensão do real é superar as contradições produzidas historicamente, pois o real só será possível de ser conhecido através dos determinantes que produzem o fenômeno, trazendo à tona a sua essência, em detrimento da aparência que se mostra ao primeiro contato com o fenômeno estudado. Desta forma, somente a partir do conhecimento de todos os determinantes sociais, materiais e históricos que compõem o Ser é que se pode conhecer a realidade.

O ser humano, ao buscar conhecer os modos como o Ser se relaciona com o meio social e como ele constrói sua existência e realidade, passa a se preocupar com a Ontologia desse Ser.

Vemos em Marx essa preocupação em conhecer o Ser a partir das relações dos sujeitos com o meio. Isso se dá em virtude de outros paradigmas não terem se



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

interessado por essa preocupação. A necessidade Ontológica ganha mais força e visibilidade a partir do trabalho de Lukács (2010), “Ontologia do Ser”.

Da mesma forma que achamos prudente afirmar que não existe precariedade entre fenomenologia e hermenêutica, aqui também fazemos a mesma ressalva, pois o que existe entre a obra de Marx e a obra de Lukács é uma escolha metodológica, uma vez que Lukács parte da ideia de que o sujeito constrói sua realidade a partir da relação com o meio mediado pela categoria Trabalho.

A precariedade do conhecimento na modernidade

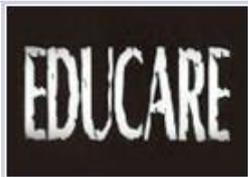
Ao longo deste trabalho, percebemos que, para a ciência se tornar o que conhecemos como ciência hoje, ela passou por diversos momentos de ruptura. São dessas rupturas que emergem a precariedade do conhecimento científico.

A ciência mostrou-se precária a partir: da aceitação do senso comum como uma forma de saber; da experiência como ponto de partida para a construção do conhecimento elaborado; a partir da ruptura entre saber e conhecer; do surgimento do sujeito enquanto epistêmico; da ruptura das ciências da natureza e ciências sociais, dentre outras.

A ciência, enquanto processo de construção do conhecimento científico, resulta do saber e do conhecer sistematizados, com maior nível de elaboração, que exigem teoria e metodologia adequadas às suas necessidades.

De acordo com Japiassu (1981) e Santos (2001), as dogmatizações e tentativas de universalização/generalização são elementos contraproducentes ao conhecimento científico, pois desconsideram outras formas de saber e de conhecer existentes e de produzir discursos.

Aliás, Santos (2001) em seu livro “Um Discurso sobre a Ciência”, produz discurso, e não teoria, pois a teoria é o refinamento da elaboração do conhecimento



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

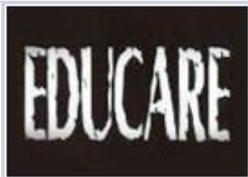
científico e exige rigor metódico para conhecermos determinados fenômenos. É a partir da teoria que explicamos os porquês dos fenômenos, desde o que eles são, estão sendo e o que serão, dando-nos a consciência de saber. Já o discurso, este ancora-se na experiência e/ou no senso comum. Vale lembrar que o senso comum nasce da experiência e da vivência cuja consciência é partilhada e produzida por determinados grupos, podendo, inclusive, fazer parte de uma tradição. Sendo assim, mesmo Santos trazendo em seu discurso elementos de natureza epistêmica, ele não teoriza o conhecimento, e sim, produz discurso.

Outra característica da precariedade da ciência na modernidade é a presença da ideologia. Autores como Boaventura Santos (2001), Bachelard (1996) e Japiassu (1891), trazem à tona a discussão acerca da ideologia presente na história da produção do conhecimento científico moderno.

Japiassu (1981), em particular, nos mostra que o conhecimento é provisório e precário, pois, ao avançar em novas formas de conhecer, também revela crises e limitações, que, como vimos, são próprias do conhecimento científico. No entanto, toda essa precariedade não desvalida ou diminui a importância do conhecimento científico, pois esse também se revela e se produz à luz do tempo histórico no qual se desenvolve. E foi justamente essa precariedade que permitiu o avanço da ciência, num constante processo de resignificação e retroalimentação.

Considerações finais

Trazer à tona a discussão acerca da precariedade do conhecimento científico é afirmar que a ciência tem suas limitações. Tais limitações e precariedades, como vimos ao longo deste trabalho, surgem da própria evolução do conhecimento e da necessidade de se conhecer e saber mais.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

O conhecimento, em suas diversas possibilidades e realizações, sempre esteve diretamente ligado ao momento histórico e social que se dispôs a conhecer. E conhecer significa superar dificuldades epistemológicas, metodológicas e teóricas.

Mesmo em ciências da natureza e ciências humanas, o elemento da precariedade estará presente. No entanto, vale ressaltar que este trabalho se dispôs a evidenciar a precariedade do conhecimento científico na ciência moderna. Isto não exclui o reconhecimento de que a precariedade também existe em outras formas de saber e conhecer.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: WMF, 2014.

BACON, Francis. **Novum Organum**: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida. Trad. de José Aluysio Reis de Andrade. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

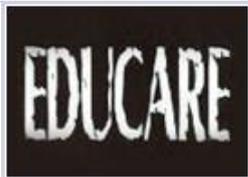
BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Trad. de Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1978.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Trad. de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. de Flávio Paulo Meuer. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

JAPIASSU, Hilton. O estatuto epistemológico das ciências humanas. In: _____. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.



Francisco das Chagas Galvão de Lima e Patrícia Fernanda da Costa Santos
Universidade Federal da Paraíba

KANT, Immanuel. **Respostas à pergunta:** “O que é o iluminismo”. Trad. de Arthur Morão. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf> Acesso em: 15 de fev de 2013.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social:** questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. Trad. de Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Bomtempo, 2010. Partes I e II.

MARX, Karl. **Contribuições à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORIN, Edgar. **O método 3.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

POPPER, Karl R. A evolução e a árvore do conhecimento. In: _____. **Conhecimento objetivo:** uma abordagem evolucionária. Trad. de Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Um discurso sobre a ciência.** Rio de Janeiro: Edições Afrontamento, 2001.

Recebido em julho de 2017
Aprovado em agosto de 2017